

UMA ESTÁTUA PARA O CONDE DE S. BENTO

A STATUE FOR THE COUNT OF S. BENTO

UNE STATUE POUR LE COMTE DE S. BENTO

UNA ESTATUA PARA EL CONDE DE S. BENTO

Nuno Olaio

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Câmara Municipal de Santo Tirso, Porto, Portugal

RESUMO: O presente artigo procede a uma análise crítica ao processo de criação e colocação no espaço público de Santo Tirso da sua primeira estátua, no ano de 1892, a qual representa o Conde de S. Bento, brasileiro de torna-viagem natural de S. Miguel das Aves. Através de documentação municipal, da Irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso e da imprensa local e regional, acompanharemos o debate público suscitado pela construção da estátua e as vicissitudes de uma subscrição pública que congregou interesse de ambos os lados do Atlântico, sendo criada uma subcomissão no Rio de Janeiro. Um escasso ano após a revolta republicana de 31 de janeiro de 1891 na cidade do Porto, os tirsenses sentiram a necessidade de promover um tributo ao mais distinto benemérito local relevando nesta homenagem as suas qualidades. Este momento foi igualmente revelador da sociedade liberal da época e dos seus valores.

Palavras-chave: arte pública; Conde de S. Bento; emigração; representações sociais; Santo Tirso.

ABSTRACT: This article makes a critical analysis of the process of creation and placement in the public space of Santo Tirso of its first statue, in 1892, which represents the Count of S. Bento, emigrant in Brazil, and born in S. Miguel das Aves. Through municipal documentation, of Irmandade and Santa Casa of Misericórdia of Santo Tirso and the local and regional press, we will follow the public debate raised by the construction of the statue and the vicissitudes of a public subscription that brought together interest on both sides of the Atlantic, and a subcommittee was created in Rio de Janeiro. A short year after the Republican uprising of January 31, 1891 in the city of Porto, the people from Santo Tirso felt the need to promote a tribute to the most distinguished local benemeritus. This moment was also important because unveils the liberal society of the time and its values.

Keywords: public art; Count of S. Bento; emigration; social representations; Santo Tirso.

RÉSUMÉ: Cet article fait une analyse critique du processus de création et de placement dans l'espace public de Santo Tirso de sa première statue, en 1892, qui représente le comte de S. Bento, émigrant au Brésil, naturel de S. Miguel das Aves. Par la documentation municipale, de la Irmandade et Santa Casa de Misericórdia de Santo Tirso et de la presse locale et régionale, nous suivrons le débat public suscité par la construction de la statue et les vicissitudes d'une souscription publique qui a rassemblé l'intérêt des deux côtés de l'Atlantique, et la création d'un sous-comité à Rio de Janeiro. Un an après le soulèvement républicain du 31 janvier 1891 dans la ville de Porto, les habitants de Santo Tirso ont ressenti le besoin de promouvoir un hommage aux plus distingués bienfaiteurs locaux. Ce moment a également été révélateur de la société libérale de l'époque et de ses valeurs.

Mots-clés: art public; Comte de S. Bento; émigration; représentations sociales; Santo Tirso.

RESUMEN: Este artículo hace un análisis crítico del proceso de creación y colocación en el espacio público de Santo Tirso de su primera estatua, en 1892, que representa al Conde de S. Bento, emigrante en Brasil e natural de S. Miguel das Aves. A través de la documentación municipal, documentación de la Irmandade y Santa Casa de la Misericórdia de Santo Tirso y la prensa local y regional, seguiremos el debate público suscitado por la construcción de la estatua y las vicisitudes de una suscripción pública que reunió el interés a ambos lados del Atlántico, y se creó un subcomité en Río de Janeiro. Poco un año después del levantamiento republicano del 31 de enero de 1891 en la ciudad de Oporto, la gente de Santo Tirso sintió la necesidad de promover un homenaje al

benefactor local más distinguido. Este momento también fue revelador de la sociedad liberal de la época y sus valores.

Palabras-clave: arte público; Conde de S. Bento; emigración; representaciones sociales; Santo Tirso.

Ter erigido uma estátua – que é o maior galardão a que pode aspirar um homem, fazendo-lhe em vida a própria apoteose.
Manuel José Ribeiro, Conde de S. Bento, 13.01.1893 (In AISCMT, Actas da instalação da Subcomissão)

1. Introdução

Diz-nos Pierre Nora que «A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais» (Nora, 1984: XIX). Este será o ponto de partida para este texto, no qual acompanharemos o processo de criação e colocação da primeira escultura no espaço público tirsense (Abreu, 2003), uma estátua associada à figura do Conde de S. Bento, adquirida por subscrição pública e com fundos da comunidade portuguesa no Brasil. No final do séc. XIX um amplo consenso na sociedade tirsense permitiu a sua mobilização em torno deste projeto como prova de agradecimento ao seu grande benfeitor enaltecendo a sua personalidade e conduta moral, com a clara intenção de criação de uma memória social que simbolizaria «ideias essenciais». Mas terá este propósito sobrevivido às vicissitudes da História, assim como a própria estátua às agruras do tempo?

2. O Conde de S. Bento

Figura maior na história do liberalismo em Santo Tirso, Manuel José Ribeiro, viria ao mundo a 28 de agosto de 1807²⁶. A sua vida e obra foi abordada em vários trabalhos, começando pela mais antiga referência no *Santo Thyrso de Riba D`Ave*, monografia de Alberto Pimentel (1903) citada regularmente nos estudos sobre Santo Tirso. Nos anos oitenta do século XX é publicado um artigo por Maria Manuela Coelho (1984) atualizando o conhecimento histórico sobre esta figura e, desde então, vários investigadores realizaram estudos sobre este brasileiro de torna-viagem, designadamente Correia (2004; 2008) em vários volumes da obra *Santo Tirso, da Cidade e do seu Termo* caracterizando a sua ação benemérita e o impacto do seu legado e Olaio (1995) caracterizando o seu apoio à indústria e à economia local.

O Conde de S. Bento foi um *brasileiro* endinheirado, comerciante de profissão, tendo chegado ao Brasil com doze anos, em 1819. Viveu a guerra da independência do Brasil e fez fortuna na baixa Amazónia, no estado brasileiro do Pará, estabelecendo-se na sua capital. Quando decidiu regressar à sua terra no último quartel do século XIX, deixou muitos amigos na comunidade brasileira e, em Portugal, adquiriu bens, multiplicou propriedades e dedicou-se à benemerência e à caridade²⁷, num trajecto de torna-viagem identifica por vários autores (Alves, 1994). A crónica

²⁶ Em 2007 foi organizado pela Câmara Municipal de Santo Tirso e a Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso a comemoração do Bicentenário do Nascimento do Conde de S. Bento, cujo programa compreendia uma exposição e um ciclo de conferências com a participação do Professor Jorge Alves e dos investigadores Francisco Carvalho Correia, Miguel Monteiro e Nuno Olaio.

²⁷ Os atos beneméritos e a caridade eram entendidas na época como valores intrínsecos às virtudes cristãs.

social da época considerava o Conde um homem religioso por natureza e que sem ter descendência direta, deixaria a sua marca na vila tirsense e indelevelmente, na memória coletiva, pela prática do mecenato.

A sua notoriedade pública adveio do constante apoio a causas de carácter religioso (restauro de igrejas e capelas, na participação em ordens terceiras e como mecenas em diversas demandas num território que abrangia o norte de Portugal, o Rio de Janeiro e Belém do Pará). A sua intervenção social repartiu-se pela Educação (promovendo a construção de escolas em Santo Tirso e S. Miguel das Aves), no apoio à criação e desenvolvimento das primeiras instituições liberais em Santo Tirso (instituidor e contribuinte maior de associações como a Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, do Montepio Tirsense ou na construção do primeiro hospital de Santo Tirso), mas a sua influência estendia-se também à cultura (o apoio à criação do Clube Thyrsense, à formação da banda de música que levava o seu nome e o apoio a muitas festas e tradições locais).

O contributo maior deste brasileiro de torna-viagem para o desenvolvimento do concelho foi a aquisição do Mosteiro de Santo Tirso e suas quintas à viúva do comendador José Pinto Soares em 1882, conservando e beneficiando o edifício²⁸. Desta forma contribuiu decisivamente para a urbanização oitocentista de Santo Tirso, cedendo terrenos para a abertura de ruas e concorrendo para a criação do parque sobranceiro ao rio Ave (atual Parque D. Maria II) em terrenos da Quinta de Fora do antigo Mosteiro de Santo Tirso (Correia, 2004; Melo, 2013). Tornou-se o principal benfeitor de Santo Tirso no último quartel do séc. XIX, cujos gestos e legado, em muito prolongariam no tempo o efeito das suas obras.

Para chegarmos ao tema deste artigo teremos que recuar ao dia 28 de agosto de 1891. Inaugurava-se em Santo Tirso o Hospital Conde de S. Bento velha aspiração local desde a criação da Casa de Saúde em 1877²⁹. O hospital situava-se no Parque D. Maria II, praça que tinha sido construída com o apoio deste titular. Nessa sexta-feira as autoridades locais, sob a proposta da Santa Casa da Misericórdia organizariam um dia de festa para assinalar a abertura do hospital, convocando toda a população da vila e do concelho. Esse foi um dia para reiteradamente agradecer ao benemérito a construção do hospital. A festa, os discursos e a comoção local podem ser acompanhadas através da leitura da imprensa local que fez para essa ocasião uma edição especial (*Jornal de Santo Thyrso*, número extraordinário, 28.08.1891). Nos

²⁸ Foi este espaço a origem do mosteiro e couto beneditino e posteriormente, nos tempos liberais, o ponto de partida para a urbanização liberal de Santo Tirso. Estavam sedeadas numa parte deste mosteiro pertencente ao Estado a Câmara Municipal, a administração do concelho, assim como outras repartições públicas.

²⁹ Maria do Carmo de Freitas Costa Azevedo tinha organizado em 1876 uma comissão para angariar donativos para a criação de uma Casa de Saúde, num bazar realizado no claustro do mosteiro beneditino. Com estes donativos abriu-se a 27 de maio de 1877 a Casa de Saúde, primeiro espaço público dedicado à saúde em Santo Tirso.

elogios do dia radicaria o móbil do presente artigo: a ideia da construção de uma estátua para o Conde de S. Bento, a qual germinaria nas semanas seguintes nas páginas deste periódico local.

3. A estátua

O presente texto traça a genealogia desta ideia: uma estátua para o Conde de S. Bento; o debate que proporcionou esta iniciativa popular através das páginas do *Jornal de Santo Thyrsó* e a sua colocação no centro da vila, assim como, a memória associada a este ato oficial. Neste sentido compulsamos documentação e notícias publicadas entre 10 de setembro de 1891, no rescaldo da inauguração do Hospital e setembro do ano seguinte, na sequência da homenagem realizada ao Conde de S. Bento com a colocação da estátua no espaço público da vila, momento registado a 28 de agosto de 1892.

No auto de inauguração, tendo as autoridades locais sentido o dever de inscrever este momento público nos *Anais do Município*³⁰, livro destinado ao registo dos factos de maior relevância no município, numa linguagem precisa e legal (Malheiro,1996:122), o secretário da autarquia Adriano de Sousa Tropa descrevia o momento, registando as presenças e mencionando o motivo do encontro: enaltecer «[...] as virtudes e os benefícios prestados à religião, à instrução e à Caridade por este altruísta e benemerito titular» (AMST, Anais do Município, 1892). No final da cerimónia, simbolicamente, seria realizada a entrega da estátua à Câmara Municipal, à população, sendo recordados os deveres de manutenção e preservação do monumento. Mas como tudo isto foi possível?

Recuando à inauguração do Hospital Conde de S. Bento em 1891, em data natalícia deste benemérito, esse momento desencadeou um conjunto de homenagens e discursos que o *Jornal de Santo Thyrsó* fez eco na sociedade tirsense. Mais de uma semana depois publicava o periódico em espaço de editorial um texto de Luís de Sousa Gomes Silva³¹, conterrâneo do homenageado. Era um discurso de saudação pela ocasião, mas no qual se lançava o repto para um maior reconhecimento público e homenagem em vida, dos atos e benemerências de Manuel José Ribeiro, concluindo o texto com um desafio para a autarquia local: a construção de uma escultura ao Conde de S. Bento, através de uma subscrição pública (*Jornal de Santo Thyrsó*, 10.9.1891).

³⁰ Através da Portaria do Ministério do Reino de 8.11.1847. Segundo Armando Malheiro (1996:122) este diploma permitiu a «[...] consagração da memória escrita como pilar da História, [...]». Este documento acompanha em anexo o artigo.

³¹ Na época major do regimento de Caçadores 3, em Bragança. Luís de Sousa Gomes da Silva (1839 - 1911) nasceu em Burgães a 15 de outubro de 1839. Fez carreira militar tirando os cursos de Infantaria e de Artilharia na Escola do Exército. Passou à situação de reforma com a patente de General de Brigada a 2 de agosto de 1898.

Não acolheria a autarquia este repto, no entanto, nos quatro meses seguintes a imprensa local deu voz aos apelos para a construção da estátua e a discussão alargou-se, propagando-se (*Jornal de Santo Thyrsó*, 26.11.1891). A 6 de janeiro de 1892 a Santa Casa da Misericórdia assumiu o desafio da subscrição pública para a construção da estátua de quem acreditava, exageradamente, que o Conde de S. Bento seria na época «[...] um dos primeiros humanistas do paiz» (AISCMS, Actas da Direção, 06.01.1892). Foi criada uma comissão central, liderada pelo provedor António Joaquim de Campos Miranda, integrando outros membros da mesa da Irmandade e ainda comissões nas paróquias de Santo Tirso (*Jornal de Santo Thyrsó*, 08.1.1892)³². Estava iniciado o processo. Nos meses seguintes sucederiam notícias sobre o trabalho das comissões e do dinheiro arrecadado para o projecto, até que em junho, recebeu-se a notícia da criação no Rio de Janeiro de uma sub-comissão junto da comunidade portuguesa (*Jornal de Santo Thyrsó*, 21.07.1892)³³. Por iniciativa de João Torquato Martins Ribeiro foi realizada uma reunião no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro que juntou muitos membros da comunidade portuguesa desta cidade, constituindo a sub-comissão. A dinâmica destes brasileiros permitiu arrecadar uma vultuosa soma para a construção da estátua e obras acessórias, recordando que o Conde «[...] tinha uma bolsa franca e aberta a tudo que diga caridade, religião e progresso» (AISCMS, Actas da Instalação da Sub-Comissão).

O lançamento do concurso para seleção do projeto vencedor foi célere, com anúncio no jornal local. Neste estabelecia-se o dia 6 de março como prazo limite para a apresentação de propostas e dirigia-se «Aos proprietários d`oficinas de trabalhos em marmore», e efetivamente, foram as oficinas de cantaria e marmoristas da cidade do Porto quem maioritariamente responderam ao apelo (*Jornal de Santo Thyrsó*, 25.02.1892). O anúncio determinava como deveria ser a escultura e o pedestal, devendo os concorrentes apresentar desenho e orçamento, discriminando medidas e os materiais para a estátua (em mármore) e para as fundações (em granito).

Na semana seguinte a obra foi adjudicada à oficina de António Coelho de Sá & C^a, com desenho do escultor António Couceiro. Esta antiga oficina da rua dos Lavadouros, no centro da cidade do Porto, venceria por unanimidade os outros cinco projetos apresentados (*Jornal de Santo Thyrsó*, 10.03.1892; 17.03.1892). Entre os quais constavam oficinas tradicionais e marmoristas como Cherubim Pinto; Joaquim Augusto Marques Guimarães (1857-1937, importante figura do Centro Artístico Portuense e antigo colaborador de Soares dos Reis) e mais três canteiros profissionais

³² A estrutura criada pela Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso compreendia a Comissão Central, as comissões paroquiais compostas pelo sacerdote e cidadãos de cada paróquia. Foi ainda feito um apelo a todas as associações locais para inscreverem nos seus orçamentos uma participação neste projeto.

³³ Esta comissão foi presidida pelo Comendador João Torquato Martins Ribeiro e integrou Manuel Tiago Ferreira Rezende, Joaquim de Souza Freitas Lima, José Joaquim Machado, Joaquim José Fernandes, Lúcio de Souza Freitas Lima, Manoel Joaquim Marques, João Luis Alves e António Moreira Pacheco.

da cidade do Porto: Eduardo da Silva Mattos, Joaquim Maria da Silva e a casa de Joaquim de Almeida Costa & C^a. Infelizmente desconhecemos os desenhos e plantas destes projetos, assim como, do projeto vencedor.

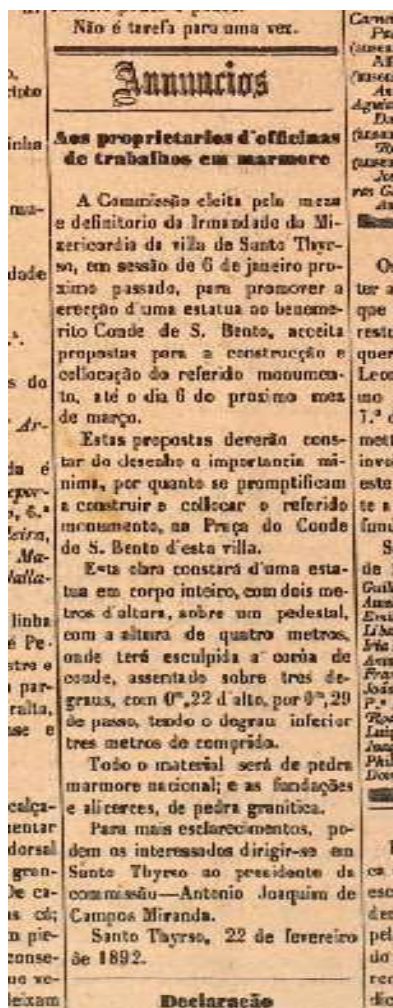


Figura 1: Anúncio do Concurso Público
Fonte: Jornal de Santo Thyrsó, 25.02.1892.

Foi elaborado contrato para a construção da estátua, a qual deveria ficar concluída a 25 de agosto. Foi igualmente criada uma comissão técnica para acompanhamento da obra por parte da Santa Casa de Misericórdia. No decorrer dos trabalhos o escultor António Couceiro deslocou-se a Santo Tirso para retratar o conde e a imprensa regional fez eco do projeto, relevando o facto do homenageado ser comemorado em vida³⁴. Paralelamente, os leitores acompanharam no *Jornal de Santo Thyrsó* as movimentações das comissões paroquiais com a publicação das listas de doação por freguesia e uma referência ao dinheiro já angariado para o projecto, tudo devidamente escrutinado na imprensa local.

³⁴ Esta seria uma ideia reproduzida por vários jornais da época como uma singularidade da inauguração da estátua. Contudo Pimentel (1903: 93) referiria um outro caso nos Açores, na Ilha Terceira, com a construção e inauguração da estátua de José Silvestre Ribeiro em 1879.

Após as concorridas festas de S. Bento, em julho de 1892, eclodia na imprensa um debate sobre a localização da estátua do Conde de S. Bento desenrolando-se esta disputa por mais de dois meses no semanário local e entre os próprios tirsenses. A controvérsia foi iniciada pelo editorial de José Bento Correia no *Jornal de Santo Thyrsó* para defender a primeira proposta conhecida: a praça Conde de S. Bento (atual Parque D. Maria II), lugar que no ano anterior recebera o hospital e estava numa área verde que confinava com o antigo Mosteiro de Santo Tirso. Na semana seguinte este jornalista, que integrava a comissão da Santa Casa da Misericórdia, votaria vencido a sua proposta face à outra, que privilegiava a praça onde o homenageado tinha a sua casa. Na sequência desta decisão, datada de 24 de julho, a comissão central pediu à Câmara Municipal autorização para colocar a estátua no Campo 29 de Março (atual Praça Conde de S. Bento). Contudo, houve mobilização da sociedade tirsense, fazendo chegar à Santa Casa e à Câmara Municipal uma representação dos habitantes da vila, a qual reabria de novo o debate sobre o local adequado para a colocação da estátua, encontrando-se finalmente o consenso para um novo espaço, o Largo de Cidenai (atual Largo Coronel Baptista Coelho) pois «[...] o monumento fica no sítio mais central e publico da villa [...]» (*Jornal de Santo Thyrsó*, 04.08.1892; 11.08.1892). Esta decisão foi retificada pela Câmara Municipal a 8 de agosto, sendo realizadas obras de beneficiação na parte sul do Largo de Cidenai para acolher a estátua, reforçando a sua centralidade. A 18 de agosto os alicerces estavam concluídos e chegavam à vila onze carros de bois com a estátua e o mármore para o pedestal. Entretanto o programa das festas era anunciado, aguardando-se o dia da inauguração.

4. A inauguração

A imprensa regional dá-nos o programa da inauguração. A festa iniciou-se cedo, às 08h00 da manhã com os cumprimentos das autoridades locais ao Conde de S. Bento, acompanhados pela banda de música. A vila estava decorada (tinha-se pedido aos habitantes para aformosearem as suas casas) e as bandas estreavam uma marcha dedicada ao homenageado. A festa desenrolou-se em vários momentos, com inauguração oficial às 11h00 no Largo de Cidenai junto da estátua, tendo sido construídos dois palanques para acolher os convidados (separando-se os homens das mulheres). A cerimónia começou pelo descerramento da estátua, na qual figura o brasão do Conde de S. Bento e a homenagem do concelho. Depois as autoridades locais discursaram, a população pode fazer uso da palavra e os alunos das instituições apoiadas pelo homenageado discursaram igualmente, num ritual onde não faltaram as girândolas de fogo e música.

Na parte da tarde realizou-se a Regata Conde de S. Bento no rio Ave, iniciativa patrocinada pelo Montepio Tirsense. Durante o resto do dia a música estaria em vários lugares da vila, nos coretos improvisados, deslocando-se as bandas pelas ruas da vila com muitos vivas ao Conde. *A Província* noticiava que a festa terminou por volta da

meia noite com as orquestras a tocar e fogo de artifício no ar. Este periódico portuense, ao exemplo do muito católico *A Palavra* enalteceram o homenageado e o vínculo existente com o Brasil, aliás, como o prova a cerimónia de descerramento da estátua: «Vedou-a a estatua pela frente, a bandeira portuguesa, e por detraz a bandeira brasileira» (*A Província*, Porto, 29.08.1892; *A Palavra*, Porto, 30.08.1892).

O *Jornal de Santo Thyrsó*, por seu lado, deu a conhecer os discursos, o ambiente político e social. Aqui destacou-se a alocução do presidente da Câmara Municipal, o advogado António Carneiro de Oliveira Pacheco (*Jornal de Santo Thyrsó*, 01.09.1892). Figura considerada no concelho e na região, tinha já sido administrador do concelho e deputado. No ano anterior encontrava-se à frente da autarquia quando se deu a revolta republicana do 31 de janeiro de 1891 (Olaio, 2004). Evocando as virtudes teologais num espírito próximo ao *ralliement* de Leão XIII, António Carneiro Pacheco, identificou-as com a obra realizada pelo Conde de S. Bento: a Fé, a Esperança e a Caridade corresponderiam ao apoio do homenageado à Igreja (obras e apoio prestado), à Educação (através das escolas que ergueu) e à Assistência (com a construção do hospital, apoio às associações). No seu discurso aprofundou esta *leitura* do monumento destacando o testemunho do Conde de S. Bento para as gerações futuras, o qual «[...] deixa escripta n`esta pagina de bello mármore a historia das suas virtudes, para servir d`ensinamento ás gerações que hão de vir», constituindo uma homenagem ao homem mas também ao trabalho «[...] sendo humilde pelo nascimento, conquistou pelo trabalho fortuna e nobreza [...]». Este discurso para além de exaltar o homenageado estabelecia, á semelhança de outros realizados no dia, uma clara mensagem sobre as qualidades que a sociedade tirsense atribuía ao Conde de S. Bento e sobre a importância desses atributos no momento da inauguração da estátua, numa época de instabilidade política e social: «Que bellissima obra a do nobre Conde, e que solida base a d`este monumento, n`esta occasião em que o mundo social se convulsiona e oscilla constantemente á beira d`um abysmo, cuja profundidade ninguém póde sondar!!!». Concluindo, o presidente da Câmara consideraria intemporal o carácter da mensagem transmitida pela escultura, a qual se sobrepunha a «partidos ou fações, simbolizando as tais «idêas essenciaes», as que deveriam fazer parte da memória desta sociedade. Terminaria como abriu o discurso, evocando o papel regenerador do trabalho, neste caso, com uma citação do poeta Augusto Castilho do célebre poema *Hino ao Trabalho*:

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor;
D`entre a orchestra da serra a do malho
Brotam vida, cidades, amor.³⁵

³⁵ Estrofe do poema de Augusto Feliciano Castilho (1800-1875) *Hino ao Trabalho*. Por curiosidade, em 1975 a cantora Tonicha gravaria este poema, musicado por Shegundo Galarza. Mas os tempos eram outros.

Mas regressemos por uma última vez à inauguração. Este dia ficaria imortalizado em fotografia, uma das primeiras que há registo em Santo Tirso, provavelmente de José Francisco Correia. Nela podemos observar a estátua e um mar de gente que, devido ao calor que se sentia, tinham guarda-chuvas abertos. No palanque encontra-se sentado o vetusto conde (no lado direito da imagem, sentado, com o cabelo todo branco), assistindo à inauguração, no momento dos discursos (*Jornal de Santo Thyrso*, 22.09.1892).

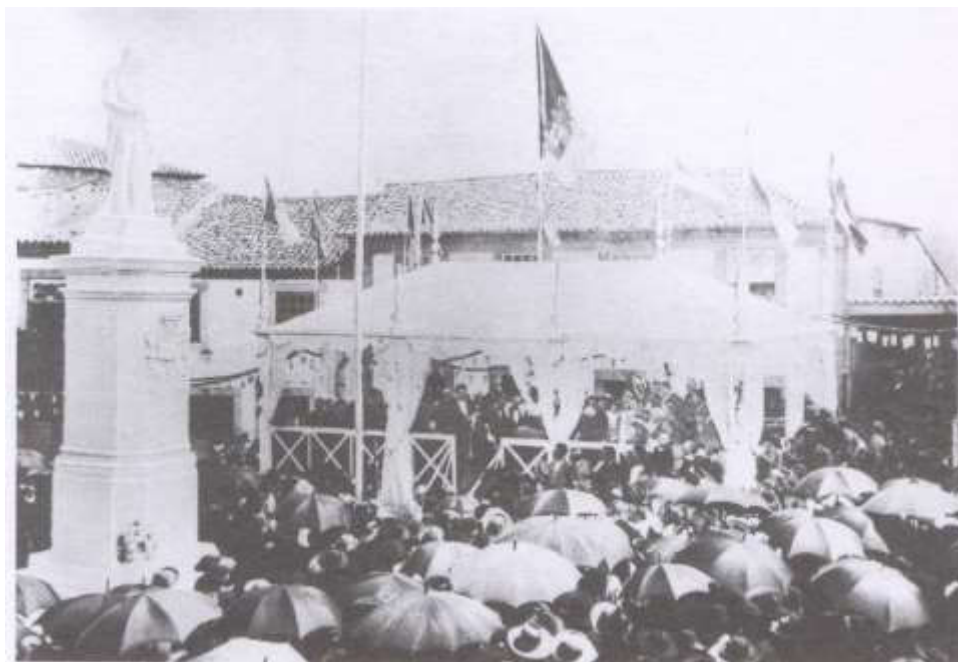


Figura 2: Inauguração da Estátua, 28 de agosto de 1892

Fonte: Olaio, 1995.

A escultura, de inspiração romântica e com desenho do escultor António Couceiro relembra, no seu enquadramento e postura do homenageado, outras obras da época. Alguns anos antes, em 1864 José Joaquim Teixeira Lopes realizaria uma escultura de Passos Manuel para a população de Matosinhos, cuja dimensão e pose têm semelhanças. Igualmente, na terra de adoção de Manuel José Ribeiro, em Belém do Pará, tinha-se erigido em 1890 o Monumento a Gama Malcher, da autoria do artista belga Pierre Armand Cattier (Rodrigues, 2013). Ambas as esculturas, apesar de distintas na intenção e forma, seriam do conhecimento público à época, revelando uma estética próxima da adotada na escultura do Conde de S. Bento. Nesta, o Conde apresenta-se com traje oficial, luvas, chapéu e espadim. O rosto do homenageado apresenta um olhar distante, na casaca figura a comenda de Vila Viçosa e no pedestal figuram as armas do conde e a inscrição «O Concelho de Santo Thyrso ao benemérito Conde de S. Bento. 28 d`Agosto de 1892»³⁶. A estátua ocupava um lugar que

³⁶ Atualmente o pedestal da estátua reúne várias placas, testemunhos da sua história na comunidade. As 3 placas existentes reportam-se aos seguintes momentos: «Homenagem dos Tirsenses no 1º Centenário da Vila de Santo Tirso (1863 - 1963); «Gratidão Homenagem do Clube Tirsense (29.11.1880

progressivamente se tornou central na vila. O espaço envolvente foi calcetado e colocado um gradeamento, aspeto este que se manteve por largos anos, até à mudança da estátua, no decurso da década de 50 do século XX, para a atual localização na Praça Conde de S. Bento (perto da antiga residência do Conde de S. Bento).



Figura 3: A estátua e sua envolvente. Postal da época (início do séc. XX)

Fonte: Correia, 2008.

5. Considerações finais

Santo Tirso no século dezenove era uma vila de um pequeno concelho situado entre as províncias do Douro e Minho. Esta identidade esteve bem presente no território até ao dealbar da República. A construção da estátua do Conde de S. Bento, suas vicissitudes e polémicas mostram-nos um pouco mais sobre o processo de construção de uma escultura no espaço público. Mas igualmente revelam-nos algo sobre a instituição do regime liberal em Santo Tirso e como num preciso momento, em plena crise finissecular, depois de abortada a revolução republicana do 31 de janeiro de 1891 no Porto, esta comunidade através das suas elites, acaba por louvar

- 29.11.1980» e «1 Centenário da Inauguração da Estatua. Homenagem da Câmara Municipal de Santo Tirso (28 de agosto 1892 - 1992)».

um homem e o ideal que representa: as origens humildes, a religiosidade e o trabalho que o nobilita. Maurice Halbwachs recordava o papel da comunidade, designadamente das suas elites na construção da memória coletiva (Halbwachs, 1990).

Poderemos dizer que esta narrativa, de exaltação do “seu” herói liberal, que a sociedade tirsense fixou no espaço público da vila, estabeleceu um exemplo que perdurou na identidade local. A construção da memória associada ao Conde de S. Bento foi abrangente, concitando não somente a elite local, mas outros grupos sociais, sendo a escultura um projecto mobilizador dessa memória coletiva. Onze anos mais tarde, em 1903, seria dada à estampa a obra *Santo Thyrso de Riba D`Ave*, monografia da autoria de Alberto Pimentel, escritor portuense com afinidades locais. A obra, editada pelo Clube Tirsense (com reedição em 2011 pela Câmara Municipal de Santo Tirso), fixaria para a posteridade vários episódios sobre a vida e obra do Conde de S. Bento, consolidando a memória coletiva sobre esta figura, a qual perdurou até ao final do século XX, quando outros estudos aprofundaram o conhecimento existente sobre a vida e a obra deste brasileiro de torna-viagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, José Guilherme (2003). Espaço Público e Escultura Pública, para um estudo transdisciplinar. *Boletim APHA*, 1, 86-112.
- Alves, Jorge (1994). *Os Brasileiros. Emigração e retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Gráficos Reunidos.
- Coelho, Maria Manuela Prior Caldas (1984). Conde de S. Bento – nome ilustre de Santo Tirso. *Cadernos Culturais*, 2, 5-24.
- Correia, Francisco Carvalho Correia (2004). O Parque D. Maria II. Elementos para a sua história. In Correia, Francisco Carvalho (Org.). *Santo Tirso, da Cidade e do seu Termo. Vol. V* (pp.11-33). Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso.
- Correia, Francisco Carvalho (2008). “O Conde de S. Bento no Bicentenário do seu nascimento (1807-2007)”. In Correia, Francisco Carvalho (Org.). *Santo Tirso, da Cidade e do seu Termo. Vol. VI* (pp.591-637). Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso.
- Halbwachs, Maurice (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice
- Melo, Conceição (2013). Da vila a cidade. In *Santo Tirso. Das origens do povoamento à atualidade* (pp. 263-346). Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso.
- Nora, Pierre (1984). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard.
- Olaio, Nuno (1995). Os Brasileiros na Indústria Oitocentista. Contributo para o estudo do emigrante enriquecido, investidor e industrial rural, no concelho de Santo Tirso. In *Bolsas de investigação para jovens historiadores e antropólogos, 1994/95. Vol. I* (pp.137-159). Porto: Fundação da Juventude.
- Olaio, Nuno (2004). O 31 de janeiro de 1891 em Santo Tirso. *Santo Tirso Arqueológico*, 4 (2ª série), 141 – 146.
- Pimentel, Alberto (1903). *Santo Thyrso de Riba D`Ave*. Santo Tirso: Club Tirsense.
- Rodrigues, Randy da Silva (2013). *A escultura monumental em Belém do Pará. Três obras e um percurso romântico* (Dissertação de Mestrado em Ciências da Arte e do Património). Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes, Lisboa.
- Silva, Armando B. Malheiro da (1996). Arquivos municipais e história local. Algumas achegas para um novo debate. In *Actas do I Encontro de História Local de Espinho*, 9 a 10 de março de 1995 (pp.121-127). Espinho: Câmara Municipal de Espinho.

OUTRAS FONTES

- Arquivo da Irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso (AISCMSST).
- Arquivo ISCMSST, Actas da Direção (1885 - 1897).

Actas da Instalação da Sub-Comissão (1892 - 1894).
Arquivo Municipal de Santo Tirso (AMST) – Anaes do Municipio (1852-)
A Palavra. Diário Catholico, Porto, 1892.
A Província, Porto, 1892.
Jornal de Santo Thyrso, Santo Tirso, 1890-1893.

ANEXO

«Auto da inauguração da Estatua do nobre Conde de S. Bento»³⁷

Annaes do Municipio

«No anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos noventa e dous, ao vinte e oito de agosto, pelas onze horas da manhã, no Largo de Cidenai, desta villa de Santo Thyrso, reuniram-se a Illustrissima Camara Municipal d`este concelho, sob a presidência do Dr. António Carneiro d`Oliveira Pacheco, e bem assim a mesa da Santa Casa da Misericordia, presidida pelo seu provedor Antonio Joaquim de Campos Miranda, as auctoridades administrativas, judiciais e eclesiásticas, funcionarios publicos, membros da imprensa, com a assistência de muitas pessoas de distincção e grande concurso de povo, para se proceder á inauguração da Estatua do Benemerito Conde de S. Bento, que se achava presente, erecta no mesmo largo, por meio de subscrição publica promovida pela commissão nomeada pela Santa Casa da Misericordia d`esta villa, composta de Antonio Joaquim de Campos Miranda, Antonio Joaquim Cardoso de Miranda, Francisco Alves Moreira, Joaquim Correia de Miranda e Francisco José Telles da Cunha, pelas sub Comissões parochiaes, bem como pela sub commissão organizada na cidade do Rio de Janeiro pelos dilectos filhos d`este concelho = Commendador João Torquato Martins Ribeiro, Manuel Thyago Ferreira Resende, Joaquim de Souza Freitas Lima; Jose Joaquim Machado, Joaquim José Fernandes, Lucio de Souza Freitas Lima, Manoel Joaquim Marques, João Luís Alves, e Antonio Moreira Pacheco, como testemunho de gratidão e reconhecimento pelos relevantes serviços prodigalizados a este concelho por este nobilíssimo titular. Em seguida pelo meretissimo Presidente da Camara foi descerrada e posta a publico a mesma Estatua no meio de grande jubilo e entusiasmo, entre girandolas de fogo, musicas e outras demonstrações de regozijo publico, discursando o Presidente da Camara e outros illustres oradores enaltecendo as virtudes e os beneficios prestados á religião, á instrucção e á Caridade por este altruísta e benemerito titular.

³⁷ AMST, Anais do Município, 28.08.1892. Adotou-se a transcrição do documento sem a atualização da grafia ou da pontuação da época.

Pelo secretario da Commissão Francisco Jose Telles da Cunha foi lida uma mensagem de felicitação ao nobre Conde de S. Bento, dirigida pela referida sub Commissão da cidade do Rio de Janeiro. E finda a sua leitura o mesmo secretario, em nome d' esta illustre sub Commissão, levantou um viva ao honrado e generoso Conde de S. Bento, que foi correspondido entusiasticamente por todos os presentes, no meio de grandes demonstrações de sympathia para com os signatários da mensagem. Findo este acto a Commissão Central fez entrega do referido monumento á Illustrissima Camara, afim de que o tome sob a sua guarda e fiscalização, como por Lei lhe compete, ficando a cargo da mesma Commissão as obras que ainda faltam para a conclusão completa do mesmo monumento.

De como assim se effectuou esta cerimonia, foi lavrado o presente auto, que, depois de lido por mim Adriano de Souza Tropa, secretario da Camara, vae ser por todos assignado. [seguem as seguintes assinaturas]³⁸

Villa de Santo Thyrso e secretaria da Camara Municipal

30 d' agosto de 1892. O Secretario, Adriano de Souza Tropa.

Nuno Olaio. Mestre em História em Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciado em Ciências Históricas pela Universidade Portucalense. Doutorando em História Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Técnico Superior na Câmara Municipal de Santo Tirso na área do Património Cultural e Museus. E-mail: nunolaio@gmail.com ORCID: 0000-0002-3556-8769.

Receção: 30-07-2021

Aprovação: 20-02-2022

³⁸ Omitiu-se no documento as assinaturas, as quais colocamos nesta nota pela ordem de presença, atualizando a ortografia dos nomes: Conde de S. Bento; António Carneiro d'Oliveira Pacheco; António Joaquim Cardoso de Miranda; António Domingues de Souza; Manoel Joaquim da Costa Cruz; Joaquim Maria de Andrade; Adelino Machado da Cunha Faria e Almeida; Francisco Augusto de Gouveia Osório; António Mendes Soares de Vasconcelos; António Joaquim de Campos Miranda; Francisco Alves Moreira; Francisco Jose Telles da Cunha; Manoel Correa d' Abreu, abade de Burgães; Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa – abade de Santo Tirso; José Vicente Correa d' Abreu – abade de Santa Christina do Couto; Manoel Domingues de Souza Maia – pároco de Guidões; Francisco Baltazar de Sá Araújo – pároco da Palmeira; António Jose Barbosa – pároco da Lama; João Baptista Carneiro de Carvalho – abade de Sequeirô; Manoel Pinheiro Guimarães; João Joaquim de Souza Teixeira; Zulmira de Azevedo (professora oficial); Maria de Azevedo (professora oficial); Rosa da Costa Segadães Ramos (professora oficial); José António Alves Ferreira de Lemos; Eduardo da Costa Macedo; Joaquim Pires Fernandes (professor oficial); Manoel Joaquim da Costa Cruz Júnior; João Maria Cardoso Freire d' Andrade; Francisco de Souza Tropa; João Mendes de Vasconcelos; José Cardoso Santarém; José António Alves Ferreira de Lemos Júnior; Manoel Flores; Manoel Martins da Graça; Sebastião Jose Teixeira; Emídio Tabiano de Queiroz Veiga; Manoel Bento Sineiro Júnior, João Ferreira Guimaraes – Presidente do Montepio Tirsense; Joaquim Pereira de Castro; Guilherme da Costa Leite; José Bento Correa.

Citação:

Olaio, Nuno (2022). Uma estátua para o Conde de S. Bento. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 5(3), pp. 116-130. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n3a6